

O GUAYBA.

PERIODICO SEMANAL, LITTERARIO E RECREATIVO.

Anno 2.

No. 13

Assignatura mensal 1:000 Rs; paga em trimestres adiantados. Para fóra da Capital: Semestre adiantado 7:000 Rs.

REDACTORES: Carlos Jensen e Joao Despucio de Abreu e Silva.

APONTAMENTOS DE HISTORIA PATRIA.

(Conclusão.)



As côrtes de Lisboa tratavão de diminuir a importancia do Brasil: querião suffocar-lhe as forças quando elle ambicionava mais elementos de vida: querião reduzi-lo á antiga colonia, quando elle só pensava em ser livre. Enganadas em seu orgulho, insultavão os nossos deputados, obrigando um grande numero d'elles á ceder-lhes o campo. Um rompimento tornava-se inevitavel, porque Portugal queria a escravidão e o Brasil queria nas raiaes do seo horizonte annunciar-se o astro da liberdade.

S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro apressarão-se então na manifestação d'esses sentimentos ao Principe Regente, que não podia ser indifferente ao bello futuro que se lhe apresentava, e aceitou portanto o posto que lhe confiavão na grande empresa de nossa emancipação politica.

Novas e injustas medidas forão decretadas pelas côrtes que em seo louco orgulho não vião que erão combustiveis que lançados sobre o volcão que bramia surdamente apressavão sua explosão.

A D. Pedro cumpria prevenil-a, e poupar suas horriveis consequencias, não hesitando um momento.

Assim o fez, proclamando nas margens do Ipyranga o Brasil nação livre e independente.

As tropas lusitanas que elle continha em seo seio não forão suffieientes para impedir esse bello e glorioso terreno de seos soffrimentos. O valor brasileiro os obrigou á regressar á Portugal que per-

dendo o Brásil perdeo tudo o que lhe restava de sua antiga grandesa.

D. Pedro via-se, pois soberano de um dos mais vastos e ricos imperios, mas de um imperio que carecia de uma mão energica e prudente, que podesse dirigi-lo á travez dos perigos de sua juventude á um futuro de grandesa e prosperidade.

Era a unica monarchia que existia na America, o que tornava ainda mais melindrosa a posição de seo chefe. A educação de D. Pedro porém, não tinha sido propria para desenvolver o talento politico que por ventura tivesse. Seria um bom Rei de Portugal, mas faltava-lhe muito para ser um bom Imperador do Brasil nas circunstancias em que elle se achava. Bravo, generoso, intelligente, tinha entretanto necessidade de ouvir conselhos mais de uma vez perigosos.

A dissolução da Constituinte, e ainda mais alguns actos pouco conciliadores forão-lhe minando o prestigio, e dentro em poucos annos D. Pedro muito havia perdido nos corações brasileiros.

A insurreição de Pernambuco e as medidas severas que lhe foi necessario tomar para comprimil-a, aggravarão inda mais a sua posição.

Entretanto a Provincia Cisplatina agitava-se, e não tardou muito que o fogo da insurreição se apoderasse tambem, d'ella.

A derrota de Bento Manoel veio indicar que a sorte deixava de ser favoravel como até então ás nossas armas, e depois de uma serie de vantagens e perdas, o Brasil teve de ceder, e aquella Provincia separou-se d'elle.

Entretanto D. Pedro continuava á perder as sympathias dos Brasileiros e a revolução de 1830, precipitando Carlos X do throno da França veio produzir grande sensação. Os exaltados e desordeiros se animarão, e a imprensa não conheceo mais limites. O Principe cada vez perdia mais amigos e

sua abdição foi-lhe exigida pelas circumstancias.

No dia 13 de Abril de 1831 deixou para sempre o Brasil, vivamente magoado pela cruel decepção que soffrêra, mas o amor dos Brasileiros para com seo filho devião dar-lhe alguma consolação na hora da partida.

D. Pedro foi um d'esses entes de quem a Providencia se serve para executar seos grandes designios.

Deixando um povo que nelle se confiava no momento decisivo de arrancar-se a oppressão, e no seio da qual teria podido ser mais feliz, foi empunhar a espada com que deffenderia os direitos de sua filha, deffendendo os direitos de outro povo, violados por um usurpador prodigo do sangue humano.

Terminada a sua missão, grande como quem deixára um throno e como general que colhe as palmas da victoria, desapareceu sobre a lage do tumulo!

Tristes scenas se derão no Brasil por todo o tempo das regencias. Foi uma época tempestuosa em que as revoluções produsidas por interesses de individuos ou de partidos assolarão mais de uma Provincia.

Um dos Regentes, que poderia talvez melhor que os outros applicar alguns meios energicos para salvar-o d'esse estado, resignou o poder, e só com a coroação de D. Pedro II começou o genio da discordia á abandonar o Brasil.

Chegados á esta época, não julgamos prudente continuar expondo livremente nossas opiniões: o terreno ainda está muito quente, como disse um escriptor moderno, para que se deva revolvel-o.

Não deixaremos comtudo a penna sem fallar de nossas esperanças sobre o futuro de nossa patria. Os poderosos elementos de grandesa que ella encerra, as circumstancias favoraveis em que se vai collocando, e o genio de seos filhos lhe annuncião um futuro de prosperidade e gloria, um dos primeiros lugares entre as nações fortes e civilizadas. Um dia, seo nome será répetido com respeito e admiração; um dia poderá responder com toda a força de sua indignação ás aggressões de quem a insultou quando fraca. Sim! a estrella, que fulge no seo horizonte cada vez se torna mais bella, e ella não póde nublarse porque o porvir do Brasil é o porvir da America do Sul.

FIM.

ROMANCE.

Começamos hoje a publicação de um pequeno romance escripto por uma joven, nascida nesta capital e nella residente.

Educada como costumão ser entre nós as pessoas do seo sexo, muito pouco auxilio tem recebido sua intelligencia para desenvolver-se: entretanto eis ahi um escripto que revella ao menos cultura e gosto.

As incorrecções de estylo, que por ventura se encontrem, devem merecer toda a desculpa, e esperamos que o publico, acolhendo favoravelmente seo ensaio, anime-a á continuar no ameno genero de litteratura que timidamente encetou.



UMA VOLTA AO PASSADO.

Nunca se esquece o passado,
Quando um riso de ventura,
D'entre um manto ennevoado,
Nas trevas inda fulgura.

Quero dizer-te uma historia — minha linda — vem pois sentar-te sobre meu collo — escuta-me as loucas phrases... Enrubescas... que tem que á mim te entregues... o mundo — que importa?... a vida é breve — e sem amor é morte... o sonhar é viver — e o sonho é nada. Teos risos — são fingidos... prometto nelles crêr. Escuta — vamos viver uma hora... toma essa florinha — é prestes á murchar... deixemol-a antes que morra.

Morena — como és gentil com esses teos risos — loureira — com esse franzir de labios tão mimosos — e o requebro nos olhos — e a mentira no peito. Ah! chega-te — quero dizer-te um conto de amores.

Era uma noite — tepida e perfumada como as noites de minha terra. Era em um baile — tudo era festivo: as donzellas olhãõ com os olhares aprimorados de estudo... os moços encetãõ atrevidamente os mais fastientos namoros atravez os vidros de suas lunetas... has de confessar que era uma linda noite. Por mim... escuta aqui um segredo — estava... estava de bom gosto... e para que me havia dar a mania?... quiz tambem fazer como todos... quiz requestar! E pois era a noite das loucuras — dispuz-me — preparei-me — e entrei para a sala... que ridiculo... era o meu dia.

Morena — achega-te mais... quero contar-te minha historia — escuta. Amei a solidão quando tinha no coração um amor de poeta — uma paixão profunda: gostava de isolar-me para, no silencio do ermo, — acariciar o meo pensamento encantado — a minha idéa feiticiera — tributava-lhe os mesmos carinhos que uma pobre mãe consagra ao seo primeiro filhiho; quantas vezes receei que alguém viesse interromper os meos estasis — quebrar os meos enlevos — acordar-me de meo sonho de delicias — arrancar-me d'esse estado de per-

feita felicidade — para confundir — profanando — com as trivialidades do mundo — a oblação que minha alma — descida de um sentimento religioso — votava á sua unica divindade — ao seo unico Deos — aos meos amores... Porém hoje que não tenho amores — hoje que o furacão do mundo varreo — no seo torvelinho medonho — a primeira e unica verdadeira affeição de meo pobre coração — como a tormenta abate nas florestas os altos pinheiraes... amo os prazeres ruidosos — amo o tumulto — um salão atópetado de barulho — aonde se mistura — ao som da musica — um milhão de arrasta-pés — gargalhadas de mancebos felizes — o olhar languido das damas — seos sorrisos — o roçegar de seos vestidos de seda... aonde enfim tudo é confusão e anarchia... Oh! é uma harmonia para mim deliciosa!... Amo tudo isto — como um louco que quer entorpecer as suas dores — contrastando-as, com os prazeres dos outros... e sou feliz assim. —

Mas voltemos ao nosso baile... avistei-te ao longe... nunca te havia visto... sorrias ás maravilhas... os que te rodeavão parecião embriagados com teos olhares ternos... estavas verdadeiramente bella. Aproximei-me o

te reconheci um perfeito esmero de Deos — um dos mais lindos primores da natureza... aproximei-me mais — e convenci-me que a materia combinada debaixo de certas formulas é tambem um prodigio digno de toda a veneração. Então nós conversámos largamente... verdadeiramente bella — tinhas no olhar um condão de quebrantos para fascinar... nas palavras a mentira para seduzir... e no seo um punhal occulto para assassinar... semelhante á uma d'essas nossas serpentes — cujo matiz de suas côres e o magnetismo de seos olhos cega as victimas que o nutrem! E quem o disséra então?... escondias debaixo de um exterior de candura — sob uma mascara de filagrana — uma alma gasta e descrente — um coração consumido e perverso!!!

D'ahi data o nosso amor — não chores — assim principião todos os amores... anjo de perdição — quem vendo-te nessa noite não enlouqueceria por um quebrar de teos olhos?... Não chores... Ter saudades... para que?...

Saudemos a noite em que pela primeira vez nos encontrámos — morena... és por certo uma fada... a vida desaparece breve... e eu serei teu até morrer

Album Poetico.

O PASSADO.

*Labitur ex oculis tum
quoque gutta meis.*

O passado, meu Deos, é loucura,
Mais que o véu do porvir tenebroso,
Não tremi ante as fauces do abysmo,
Mergulhei-me em seu vacuo enganoso.

Gargalhadas do inferno lá dentro
Pullulárão-me á face innocente,
Fui ingenuo, sorvi nas delicias
Um veneno letthal, inclemente.

Inda joven no nectar das flôres
O pudor de meus labios crestei,
E do mundo a medonha cratera
Ante mim roncabunda escutei.

Era o éco solemne da morte
Quo partia da campa eternal,
E passou essa voz — fiquei surdo
Impassível qual genio do mal.

Como a rocha marmorea que exalça
Sobre os mares a fronte orgulhosa,
Vê do céu desabar a procella
E não curva a cerviz altívosa.

Do futuro no opaco horisonte
Vi soprarem as brisas traiçoeiras
Que da vida na pagina aberta
Vinhão beijos depor lisongeiras.

Eu senti que no peito febricito
Tinha fome de amor, de ardentia,
Precisava de amar á donzella
Que não fosse uma só cada dia.

Encontrei-a fingindo que amava
Quiz punil-a, meu Deos, fulminei-a,
Do regaço dos seus fui roubal-a
E no seo dos vicios plantei-a.

Vi contente e sorri de entro as sarças
Essa flôr profanada, esse anginho,
No banquete dá intensa volupia
Vi seu rosto corar de mansinho.

Era o casto pudor que primeiro
Se offendia ao aspecto da vida,
D'essa vida em que a honra é mercado,
D'essa vida mais tarde sentida.

Corri cego da orgia ao prostibulo,
Esqueci do meu nome o decbro,
Dos meus crimes no vasto catalogo
Hoje humilde perdão vos imploro.

Do Calvario o protomartyr,
O filho de Deos-humano,
Na sentença o desengano
Não lavra no arrependido;
De suas santas doutrinas,
Surgem auroras beninas
Para o homem pervertido.

Vem, ó luz, das pulchras azas
Da fé, da religião,
Derrama no coração
O teu reflexo de amor;
E's o braço compassivo,
Que do mortal semivivo
Consolas a densa dôr.

E's do peccado o alento
Da virtude o santuario,
E no teu mudo sacrario
Quero esconder esta fronte;
A ti me chego humilhado
Porque do meu triste fado,
E's tu do remedio a fonte.

† † †

SONETO.

Expirarão as minhas douradas illusões, como
as flôres em noite de tempestade!

Em tormentos immerso, em ais, em pranto,
Embalado nas azas da tristura,
Qual solitario cantor da espessura,
Delirante desato o triste canto:

A aurora do passado, o doce encanto,
Que em minha alma infiltravão a ventura
Morrêrão ao pungir da sorte dura;
E do amor o mais puro, immenso e santo

Que á perfida sagrei, (meo Deos! que fado!!!)
Só resta-me a lembrança, amortalhada
Na febre do chorar de um côr magoado!

Vem, oh! anjo do descanso! a enlutada
Existencia findar de um malfadado,
Que a alma no fêl da dôr tem abysmada!

Offerecido ao Sr. J. Capistrano Filho, como o sym-
bolo da mais santa amisade, por:

J. M. Espinola.



Revista.



Memento, homo, quia pulvis es.

Isto quer dizer em termos technicos que estamos
em tempo de quaresma.

— Sim, Srs., não me esquecerei.

Ahi vem a semana religiosa, symbolo da confraternidade christã, essa que uma vez no anno commemora a época do martyrio que reverberou nas nodosas sanguentas do sudario e da cruz a verdade obscurecida no coração dos homens; essa cujo reflexo derrama na alma do incredulo semi-apostata uma como luz que o lava da indiferença, e faz o scepticismo tremulo e quasi fulminado, despedaçar diante das arás as atrevidas armas da descrença.

O lavrador cessa o trabalho da charrua, o artifice desengança os braços laborados, o litterato depõe a pena que o fatiga, o cidadão abraça o livro da sua liberdade, e o pai de familia reúne os seus filhinhos, e vem escutar no orgão do seu culto, a palavra sentimental da sociedade humana.

Vem o homem consumido na vigilia com o olhar esparcellado pela insômia de noites ociosas, vem o herôe de tragedias forenses medindo a terra com o com-

passo do *venia ad me*; vem a piedosa velha embrulhada em dez correntes de rosario, e na tradicional mantilha com que Othelo furtava beijos á Hedelmonda; vem a moçoila, coquette de olhares serenos e melancolica, deixando á sua espera o metropolitano devoué; vem o rapaz esticado (como eu) mudo e silencioso como quem não se lisongêia do espectaculo actual da civilisação; vem o menino que se educa nas praças e nos bilhares porque ouve todos os dias os eclats da liberdade domestica; vem o rebelde ecclesiastico sacudindo a batina no portaló do leito naufrago; vem o militar sisudo como um vencido da Criméa, á passo regular, de armas em funeral tão constantemente triste como o pavilhão de palacio no dia 25 de Março.

Oh! 25 de Março!

Grande dia foi este para quem tinha de noite no coração uma meia oitava de polvora! Os sons do hymno nacional, são como tições que acendem as labaredas do amor patriotico! Oh! eu sou um patriota de mão cheia, quero dizer — isto de enthusiasmo pelo que é da patria, eis aqui as minhas pandectas:

Para comer pasteis e doce? — cá o velho.

Mas para ir, para a guerra? — Fora o velho.

Isto é que é ser franco, e a este tempo é o que todos devemos ser (se me é dado caballar um pouco em nome da religião, isto é salva a minha responsabilidade porque muita cousa se faz em nome que se explica ser ás avessas). Cá o cidadão *Freguez* não duvidou alumiá os passeantes com os seus tristes bicos; idem o Exm. Palacio do Governo; idem a Illustrissima Sra. Thesouraria Geral; idem o a os (que tratamento tem os homens em dieta bellica?) o Sr. Quartel dos Invalidos; idem o Sr. Arsenal de Guerra; e não sei se a Caridade e a Cadeia; são extremos por onde poucas vezes passo á conselho de muitos que por lá não andão sem pagar os emolumentos do systema nevrálgico. (Fora o velho!) A residencia da pessoa governante não tinha luminarias, o que foi imitado pelas musicas; esta gente pensa que tudo se faz para exemplo — se um examinando mal approved tem o emprego, todos querem emprego ainda que se espichem; depois do hymno, S. Ex. deu os seguintes vivas!

Viva S. M. o Imperador!

Viva o dia 25 de Março!

Viva a nação brasileira!

E eu vim para casa repetindo-os comigo, mas sempre trocando-lhes á ordem;

Ora fallava primeiro N. 25, ora no Imperador, ora na nação, de sorte que finalmente pude conseguir arranjar-os como forão proferidos, e escrevi ahi acima.

Hoje porém não estamos mais no 25; e á elle e não á lembrança que elle desperta é que podemos dizer, cheios fé: — *O vós omnes, qui tranzitis per viam — parce defunctis!*

E que tal? Não me estou agora inculcando um sapientissimo latino, como qualquer se inculca retratista, porque apincela taboetas, como qualquer se inculca homeopatha porque no tempo do Cholera distribuio aconito aos pucaros, como qualquer se inculca autor de artigos que outros escrevem? Vamos, Sr. *Freguez*; guarde isso para quando sonhar com a Psyche fazer-lhe odes em latim, ou quando fôr á casa d'ella fallar-lhe das suas beatices, e dar-lhe para decifrar as charadas da *Revista*: á respeito de charadas dizem que a ultima era — Soldado, mas eu não acredito; para me certificar vejamos se esta significa o mesmo.

O modo rijo e instrumento

Em simples preposição, — 1

Levando sobre meus hombros

Tectos que ligo ao chão. — 2

No corpo quer dizer unir as leis

E na historia narrar factos e reis.

P. S. Viva a typographia das aguas que tem lá os seus typos novos; olhem que eu estão tambem para reformar-me: previnão-se de um *Revisteiro* novo — a

preguiça já me vai fazendo móssa, á pesar do sermão na minha parochia. Porque não fallei no *Te Deum* e cortejo? Porque em quanto não passar isso de uma formalidade, em quanto semelhantes actos não tocarem a convicção, deito-me á dormir, com a Constituição de baixo do travesseiro para não amarrotar-lhe as paginas, como Alexandre fazia com Homero (livro).

É bem bom imitar os grandes homens, com quanto seja muito pequeno o seu compadre

O Freguez.

O GUAYBA.

O DIA 25 DE MARÇO.

Como vão frios entre nós os anniversarios do juramento de nossa Constituição! Ou já não se dá mais valor á essa preciosa conquista effectuada pelo direito, pelas luzes dos povos sobre o poder abalado dos despotas; ou não se crê mais em sua execução.

Esta é sem duvida a causa d'essa indifferença, o para confirmar a verdade d'esta asserção, basta analysar os feitos dos mais altos funcionarios do Imperio nos ultimos annos.

Mas essa indifferença é então culpavel, porque é o consentimento tacito em uma violação de direitos reconhecidos e solememente promulgados; é deixar ir-se pouco á pouco aniquilando o que mais devemos defender e sustentar. Como são os homens inconsequentes! Sonhão um bem, lanção-se com todas as forças para alcançá-lo, e uma vez senhores d'elle, adormecem tranquillamente e parecem desconhecer a importancia que lhe derão. Se isto não é factó geral, ao menos vê-se muito repetido na historia do desenvolvimentó do espirito humano.

Alguns festejos que apparecem no grande dia 25 de Março são festejos officiaes: o povo mal se lembra do que elles recordão e não vem contribuir com a manifestação de sua alegria para realçar a festividade em que devia ter a iniciativa, mostrando que vela pela sustentação de seos mais sagrados direitos, e assim não darião tanta confiança ao poder para os ir violando.

A idéa das sociedades organisadas para comemorar nossas glorias nacionaes é bella e grande, algumas já se realisarão mas até hoje não se julgou o dia 25 de Março digno de figurar em alguma d'ellas. Cêsse pois essa indifferença, tão animadora para o poder: seos actos não nos devem tirar a consciencia dos nossos fóros: nosso enthusiasmo será um protesto contra quem os desrespeitar até que possamos alcançar completa execução de nossas leis fundamentaes.

VARIÉDADE.

Extractamos do *Correio da Europa* o seguinte episódio de uma traição conjugal passada entre M. X. *guarda* pouco zeloso do serviço *nacional*, e sua mulher *guarda* pouca zelosa dos *paragraphos matrimoniaes*.

Por irregularidade de conducta, tinha sido M. X. condemnado á uma prisão de 24 horas no quartel da Guarda Nacional. Sabido isto, vae o bom do cidadão á casa, e diz á sua mulher que tem de auzentar-se por espaço de 3 dias, em consequencia da pena que lhe acaba de ser inflingida, e faz pois entre agudos suspiros os seus preparativos para entregar-se á cumpril-a. Sua querida Penelope, toda banhada em lagrimas, lhe aprompta um mantimento de sal-

cichas, pastilhas, chocolate, e lhe empanturra os bolsos para a sentidissima separação.

Nos primeiros dois dias, o maravilhoso Faublas visitou as melhores *senhoritas* da cidade, e no terceiro dia dirige-se á prisão annunciando-se pelo nome para ser recolhido na sala decretada.

— Sabe, que mais, lhe diz a sentinella, com a G. N. não se caçoa.

— Eu? replica o homem, não estou caçoando.

— Está, sim Sr.; para que toma um nome e dignidade que lhe não pertence?

— Como? Então não serci eu.....?

— M. X.? Não Sr. visto que o verdadeiro acaba de sahir d'aqui onde estove 24 horas, e que foi trasido de casa, porque não queria sahir de junto da mulher..... (Que tremenda lição!)

Romances e Novellas.

ALICE.



M um lugar retirado do meio dia da Inglaterra, via-se uma casa no cume de uma montanha, deixando ao viajante admirar a belleza de sua architectura, e fazendo por seu exterior conhecer que nella havia sumptuozo gosto: suas janellas, inteiramente abertas, deixavão entrar a viração da tarde que vinha suavisar o calôr do dia, que fôra um tanto forte, permittindo ao observador confirmar o que momentos antes havia supposto.

Bellissimos erão os arredores d'aquella habitação: um extenso e frondoso bosque prolongava-se á um lado da habitação, e do outro via-se a limpida superficie de um lago rodeado de altissimas arvores, na qual se reflectião as côres com que o céo se ornava na despedida do dia.

Tudo o mais se harmonisava, para dar realce, bellesa e graça áquella scena.]

Junto á estas janellas havia uma porta que dava para um jardim, onde sentada estava gosando o fresco, e o perfume dos lyrios e madres-silvas, uma familia que se compunha de um respeitavel ancião, sua filha e um sobrinho.

Jacques, antigo escocoz, tinha enviuvado á poucos annos, ficando-lhe uma filha que era seu precioso thezouro e a consolação de sua velhice.

Alice, (assim se chamava) amava seo pai com idolatria, correspondendo em tudo e por tudo, á esses affectos paternaes, tractava-o com toda a ternura, hem como á Tancredo seu primo, á quem olhava como irmão.

Assim vivião essas trez creaturas em completa harmonia desde que Jacques perdeu sua companheira de velhice, e companheira de affagos e carinhos de sua presada filha e sobrinho.

Até que chegou o mez de Julho epocha á que nos referimos; quando estava toda a familia reunida como já o dissemos.

Alice, tinha 18 annos, era alva e loura como suas patricias, tinha esse talhe flexivel, que ao menor sópro da desgraça se dobra como o lyrio ao sopro da brisa; trajava um penhoir branco, preso indolentemente em cima, com um broche de coralina.

Sentada em uma poltrona olhava maquinalmente para a estrada, que era junta ao jardim.

Quem nella passava, parava para a admirar, contemplando aquelle rosto de anjo... Era uma Zulicka de Byron.

Tancredo a fixava com enlevo, com a adoração de uma alma sensível, que não procura nem sabe ocultar um amor ardente que começa a devorar um coração de 20 annos!

Tancredo pois, amava sua prima, com esse amor santo e poetico, sem ambições nem desejos . . . seu unico fim era ser correspondido por sua querida Alice, a quem tinha consagrado toda a sua existencia.

Desde logo notou que sua vida em tudo tinha mudado: estando junto de Alice qualquer cousa o encantava, a tempestade era ás suas vistas um espectáculo encantador, o retumbar do trovão o alegrava, encantava-lhe o sibillar do vento, o sol parecia-lhe mais brilhante, os dias mais puros e serenos, as flores mais bellas, com mais fragancia, e mais cheias de vida e as agoas das correntes mais crystalinas.

Emfim comprehendeo que amava muito, e com amor de fogo, amor de poeta!

Era este o primeiro amor de sua vida.

Contemplava incessantemente as graças de sua prima, embalando-se na doce esperanza de ser feliz, tendo a posse d'aquelle coração que tanto adorava.

Se alguma cousa o atormentava era esse estado de incertesa em que vivia, sem saber se era correspondido em sua paixão; notava é verdade, que quando sua prima o olhava, sorria-se, mas esse sorriso era ingenuo como ella mesma; tudo o que via e ouvia tambem lhe vinha contar, mas ah! não havia em suas expressões, esse fogo de inaginação, nem esses olhares, que muitas vezes nos trahem assegurando-nos que aquella que á nós se dirige, sente aquillo que ella mesma deseja occultar, e que no entanto suas vistas revelão. E todavia Tancredo sempre a ouvia em suas confidencias com extasi, com enlevo.

Triste e muito triste ficava Tancredo depois d'essas confidencias, porque notava sempre que Alice não comprehendia o seu soffrimento, e que seu coração não conhecia outra affeição, outro sentimento, senão a santa amisade que nutria por seu pai!

Se por um lado esse pezar o consumia, não menos satisfeito ficava por se lembrar que, se não era ainda senhor d'aquelle coração virgem e puro, tambem ella inda o não tinha disposto em favor de algum outro cavalheiro.

Embebido nestas meditações se achava quando repentinamente foi desperto pelo ruido de um cavallo que trotava na estrada em direcção ao ponto onde todos se achavão.

Era um bello mancebo que parecia ter 26 annos.

Depois que avistou a familia reunida, foi demonstrando a marcha de seu cavallo, té frontear o lugar em que todos se achavão sentados; ahi chegado, compri-

mentou á todos, com aquella graça e magestade que só é dada a cavalheiros espanhoes, e depois deo de re-dea ao fioso cavallo, que instigado pelos acicates de seu cavalleiro, desapareceo veloz como uma setta.

(Continúa.)

SEM SE VER.

(Conclusão.)

„ Então mergulhei-me nos mais negros pezares; entrei á representar-me a desesperação da pobre menina, seu abandono, seu isolamento. Nada me autorisava á ir consolal-a nesses momentos de dô e de luto, que cada dia mais aproximava d'ella.

„ Acontece que um dia, conversando eu com o seu facultativo, um homem que sahia de casa de um pai de alumno meu, depois de uma visita de alguns dias, e que uma cadeirinha esperava na porta, parou, e parecia escutar-nos com attenção. Quando o medico se foi, chega-se á mim e diz-me:

— Este homem é um estúpido, que está assassinando a sua enferma, quando uma sangria pôdo bem salvar-a „

„ — O' senhor, disse-lhe eu pondo as mãos, ide ter com ella e salvai-a.

— Não o posso fazer porque sou medico e não quero enxovalhar a sciencia de um collegã. Demais, quinze minutos de demora me privaria de um negocio que assegura a minha estabilidade, e sem o que vejo ameaçada a fortuna de meus filhos. Procurai o vosso barbeiro para que a sangre, que tudo irá bem. „

„ — Sr., lhe redargui, tendes d'isso toda a segurança?

— Ha quarenta annos, Sr., que sou medico, me respondeo elle partindo, e nunca me pronunciei com mais certesa e confiança. „

„ Fui pregar um novo escripto na grade: „ Em nome do céu! fazei que sangrem vossa mãi, um medico de grandes talentos me affirmou que uma sangria salvar-a-hia da morte. „

„ Estive trez dias sem de nada ouvir fallar em presa da mais vehemente anciosidade. No quarto dia, pareci-me ficar louco vendo o meu papel ainda pregado nas grades da janella. No entanto elle já estava substituido. Que se terá passado?

„ Apressei-me á tomal-o; tinha elle escripto: — Obrigada, sylpho ou anjo.

„ Era ella. Sua mãe estava salva; ella havia sentido a necessidade de manifestar-me o seu reconhecimento.

„ Pouco tempo depois, fui obrigado á uma viagem de oito dias. Na minha volta, mãe e filha, tinhão ambas deixado o paiz. Fiquei atterrado. Ninguem sabia para onde ellas tinhão ido: o mais que podião certificar era que não voltarião, e que a casa estava para

vender-se. Não tardei em deixar esses lugares que se me tornarão insupportaveis, e depois de dois annos em viagem, que um pouco amollecerao-me a saudade, deixando em seu lugar uma profunda melancolia, fui admittido em vossa casa, onde até hoje tenho ficado. „

— Meu caro Raoul, diz então a baronesa, agrada-tes-me sobremancira. Nunca vi um auditorio mais benevolente: escutei a vossa historia, e entretanto já a conhecia.

Raoul fez um gesto de surpresa.

— Eu vou contar-vos o fim d'ella: Paulina casou-se, e viuvou passado um anno.

— Ah! Sr. ^o! disse Raoul, é uma picante zornbaria.

— Eu não zombo. E' por ella mesma que conheço a sua historia e a vossa, e no momento em que vos fallo, ella vai reunir-se á sua mãe, novamente estabelecida na casa da janellinha.

— Que! vós a conheceis?

— Essa moça de quem não visteis mais do que o vestido azul.....

— Que tem?

— E' Paulina.

— E ella partio?

— Partio.

— Para a Bretanha?

— Sim; se vos tivesseis apresentado á ella, como eu vos tinha convidado, é muito possivel que ella vos reconhecesse.

— Que! vós ja sabeis que era eu o objecto da sua historia?

— De maneira alguma.

No seguinte dia Raoul se põe á caminho. Nunca a sege fôra tão lenta em sua marcha. Emquanto Raoul viaja, ruscando com os postilhões, instando os passageiros, irritando-se contra a mais ligeira demora, vejamos o que se passa nos lugares que elle vai procurar.

Por pouco que as recordações se nos despertem, sem susto reconheceremos que no decurso da vida se alguma felicidade nos sorri, é sempre á travez de milhares de obstaculos que a occasião de a gosar súscita, e que se os esforços que se fazem fossem immediatamente seguidos de successo, ter-se-hia o mais das vezes bom exito em fazer-se o mais desgraçado dos homens.....

Tambem quando vejo um homem correr, digo para logo: — Apostemos que esse homem vai ao encontro de alguma desgraça: Raoul ia muito depressa.

Desde a vespera, Paulina estava reunida á sua mãe; tinha tornado á ver cheia de emoção o pequeno quarto e a janella gradeada, o seu discipulo, — o seu pequeno Luiz. Elle já estava crescido; pertencia á classe do seu tio — o clérigo, e devia succedello. Teve grande prazer em abraçar Paulina, pois era á ella que elle devia o lugar que occupava, e a consideração de que gosava entre a gente da aldêa. No dia subse-

quente ao de sua chegada, Paulina quiz visitar o mar. O tempo não podia estar mais bello, o céu puro e sem nuvens, a agua azul e transparente, e sua superficie unida era apenas enrugada de tempos em tempos por uma ligeira brisa de Este; os passaros voavão sobre elle e parecião pontos moviveis nas altas regiões do ar.

Luiz convidou as dúas senhoras para um passeio em canôa: a placidez do tempo as levou á aceitar.

O que ha de mais agradável do que um passeio no mar? Como os seus ambientes refrescão docemente a fronte! Como o espirito se expande divorciando-se dos pensamentos tristes que lhe pesavão na terra!

Que encantadora harmonia não é aquella que se resvalla da quilha fugitiva, e que murmura nas espumas ao redor de um barquinho leviano? Que suaves sonhos vem então occupar a nossa imaginação, e fazel-a o berço de tantos ideaes?!

Paulina entregava-se exclusivamente aos arroubos d'esse passeio; e bem depressa havia esquecido Raoul nessa vida em que para ella os acontecimentos que compõem de ordinario a existencia humana, se tinhão apagado no espaço de poucos annos. Mas as impressões que d'ella se apoderavão tinhão agora necessidade de se fixar em alguma recordação ou esperanza; e tornando a ver a sua casa, o seu quarto, a sua janella, lembrava-se do anjo ou do sylphio tão submisso ás suas vontades, tão providente de seus desejos. Mas Luiz por mais clérigo que fosse, e talvez por isso mesmo, era um muito mediocre piloto. Uma falsa manobra, inclinou horrivelmente a borda da canôa, o que assustou demasiado Paulina e sua mãe. Por um movimento instinctivo, ambas se lançarão para o lado opposto, e a canôa, perdendo ao mesmo tempo o centro e o equilibrio, tombou de novo, para alli, e mergulhou-se.

Então um espantoso grito se fez ouvir na praia.

Nesse momento um cavalleiro, que vinha pela margem á trote, picou o cavallo e apresentou-se immediatamente.

— Que é isso? que houve?

Ah! eis alli fluctuando o seu vestido branco!

E assim dizendo, atira-se no seio do elemento.

O mar estava calmo, azul e transparente. Um bello sol no poente reflectia ainda sqbre o liquido suas tintas de purpura e de fogo.

O cavalleiro pôde ainda ngarrar o vestido, mas Paulina que o reconheceu, abraça-se com elle. Fraco nadador, deixou-se pois arrastar, e ambos desaparecerão. No dia seguinte a maré conduzio ao porto os cadaveres do Luiz e da mãe de Paulina. Dois outros cadaveres estavam estreitados em vinculo de ferro, com o desespero impresso nos semelhantes pela não dos soffrimentos; era sómente o que restava de Paulina e de Raoul.

Alfonz Karel.